

NOTAS MARGINAIS SOBRE EDUCAÇÃO COMO RESISTÊNCIA CRÍTICA EM
THEODOR W. ADORNO

MARGINAL NOTES ON EDUCATION AS CRITICAL RESISTANCE
THEODOR W. ADORNO

SILVA, Alex Sander da

Universidade do Extremo Sul Catarinense

alex17sanders@yahoo.com.br

RESUMO O texto aborda o conceito educacional a partir do enfrentamento dos *mudancismos* que orientam as elaborações pedagógicas atuais, sobretudo, no que tange a formação docente. Pretende-se pensar uma educação para a resistência crítica, particularmente, nesse tempo em que floresce cada vez mais aspectos de uma crise de fundamentos nas orientações pedagógicas. Desse modo, propõe-se aqui discutir o tema da crise de fundamentos educativos nos marcos de uma teoria crítica, sobretudo, na perspectiva do pensamento de Theodor W. Adorno. Pensar a educação na perspectivas do pensamento de Adorno constitui uma tarefa que não pode furtar-se de algumas categorias potencialmente pedagógicas da sua teoria crítica.

Palavras-chave: Educação. Theodor W. Adorno. Formação crítica.

ABSTRACT This paper addresses the concept of education from the coping of "change" that guides the current pedagogical elaborations, especially in respect to teacher training. It is intended to consider an education in critical resistance particularly in this time that flourishes more and more aspects of a crisis educational foundations in the guidelines. Thus, it is proposed here to discuss the topic the crisis of educational foundations in the frame of a critical theory, especially in perspective of the thought of Theodor W. Adorno. Think education in perspective Adorno's thought is a task that cannot divest itself of some categories of potentially teaching critical theory.

Keywords: Education. Theodor W. Adorno. Critical Training

INTRODUÇÃO

A dispersão da atividade educacional tem demonstrado sua fragilidade no que tange o próprio conceito educativo. Tanto as reformulações dos sistemas de ensino,

quanto os fundamentos epistêmicos, sugerem %novos+ rumos nas orientações pedagógicas. Porém, a relação de saberes e interesses que se constituem nas relações pedagógicas se configuram atualmente em vários %mudancismos+¹ acadêmicos.

É preciso um momento de reflexão cuidadosa sobre certos devaneios pedagógicos, sobretudo, na forma de compreender o próprio conceito de educação. Face à multiplicidade das orientações pedagógicas, não se pode tratar tal conceito como um *corpus de saberes* dispersos. Nesse sentido, temos que pensá-la na perspectiva de projeto que nos mobiliza %para a resistência crítica+ da forma social vigente.

Nesse sentido, cabe-nos colocar uma questão: Como pensar uma educação para esta resistência crítica nesse tempo em que floresce cada vez mais aspectos de uma crise de fundamentos nas orientações pedagógicas? Com base nessa questão, propõe-se aqui discutir o tema da crise de fundamentos educativos nos marcos de uma teoria crítica, sobretudo, na perspectiva do pensamento de Theodor W. Adorno.

O objetivo nesse texto é repensar o conceito de educação a partir do enfrentamento dos %mudancismos+ que orientam as elaborações pedagógicas atuais, sobretudo, no que tange a formação docente. Pensar a educação na perspectivas do pensamento de Adorno constitui uma tarefa que não pode furtar-se de algumas categorias potencialmente pedagógicas da sua teoria crítica².

NOTAS SOBRE A TEORIA CRÍTICA DE THEODOR W. ADORNO

Theodor W. Adorno representa um dos principais teóricos da Escola de Frankfurt³, que, juntamente com Max Horkheimer, retomou criticamente, na obra

¹ Moraes e Duayer (1997) destacaram que o %mudancismo+ se manifesta, tanto no uso indiscriminado dos prefixos que viraram %nova+, %velho+, %anti+, como na ressignificação de diversos conceitos no processo de produção de conhecimento.

² Importante conferir os diversos trabalhos dos professores Bruno Pucci e Antonio A. Zuin que discutem o *Potencial Pedagógico da Teoria Crítica*, ambos pertencente ao grupo formado por docentes e discentes das universidades UFSCar e UNIMEP que pesquisam a relação entre teoria crítica e educação.

³ O que se convencionou chamar como %Teoria Crítica+ da Escola de Frankfurt pautou-se nos trabalhos de um grupo de estudiosos que se reúnem para empreender uma análise que vai desde a transformação do capitalismo liberal do século XIX nas democracias de massa do século XX, de um lado, e das formulações totalitárias do tipo nacional-socialismo e stalinismo de outro. Encontra-se

Dialética do Esclarecimento (1985), as dimensões do esclarecimento (*Alfklärung*) em face às conseqüências da racionalidade instrumental. A crítica causticante dos frankfurtianos ao modelo conceitual da racionalidade hegemônico na modernidade demonstrou a inquietante compreensão e preocupação quanto à *reificação* do pensamento.

O diagnóstico que Adorno fez com Horkheimer, demonstra a fatalidade da promessa não cumprida da modernidade, isto é, de uma humanidade mais esclarecida. De acordo com Adorno e Horkheimer %o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo+(1985, p. 19). Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber que, através da ciência e da razão, o ser humano conseguiria alcançar a felicidade, a justiça e a igualdade.

O domínio da *razão instrumental* vislumbrou um entusiasmo no seu caráter auto-suficiente, especialmente a partir das conquistas científicas inseparáveis da técnica. Esta racionalidade, na visão dos frankfurtianos, ao *combater o mito*, assume o princípio do próprio mito, ou seja,

%o princípio da imanência, a explicação de todo o acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito. A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol [...] porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados [...] essa insossa sabedoria reproduz tão-somente a sabedoria fantástica que ela rejeita+(ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 26).

O mito tem como base o antropomorfismo, ou seja, o ser humano projeta a si mesmo na natureza. No dizer dos autores, %todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, o sujeito+(IBIDEM, p. 22). O caráter e a situação do sujeito moderno revelam sua subordinação a essa caracterização ameaçadora do domínio da racionalidade instrumental.

Nesse processo, os seres humanos transformam em alienação o objeto que está sob seu poder. Para Adorno e Horkheimer %o esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este os conhece na medida

com detalhamentos a trajetória do Instituto em diversos trabalhos, entre eles destacamos: *La imaginación Dialéctica* de Martin Jay (1988); *A Escola de Frankfurt: História, Desenvolvimento Teórico, Significação Política* de Rolf Wiggershaus (2002); *A teoria crítica ontem e hoje*, de Barbara Freitag (1988); *Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo*, de Olgária Matos (1993); *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*, coordenado por Bruno Pucci (2001).

em que pode manipulá-los+ (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24). Segundo escrevem:

O saber que é poder não conhece nenhuma barreira, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo. (...) O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 24).

A permanência da escravidão humana no domínio da natureza e de si mesmo assevera a imbricação continuada da relação entre mito e esclarecimento. Para Duarte (1997, p. 46), a extirpação do pensamento mítico que era a meta central do programa do esclarecimento na sua marcha para o *progresso*, trouxe mais racionalização do pensamento com a mais dura automutilação do sujeito, fazendo desaparecer os últimos recônditos para a felicidade, causando uma violação do mais íntimo espaço da *psique* humana.

A essa defendida extirpação do pensamento mítico se transforma em mera repetição da condição mimética ancestral do indivíduo a partir do modelo de conformismo de sobrevivência. E, de acordo com esse traço de razão, fixada ao que existe de modo imediato e útil, aponta para a vinculação entre a subsunção lógica e uma freqüente autodemissão da própria razão (DUARTE, 1997, p.47). O desenvolvimento unilateral de compreensão da racionalidade se transforma numa nova forma de regressão. Sua degeneração objetiva se transfere para o âmbito da cultura na alienação máxima do sujeito.

SUBJETIVIDADE, ALTERIDADE E RESISTÊNCIA A BARBÁRIE SOCIAL

Em Adorno não é possível ficar longe da controversa problemática do *esclarecimento moderno* na constituição da subjetividade. Isto é, excluir a caracterização do conceito de sujeito na perspectiva de análise da crítica da razão instrumental. Essa racionalidade instrumental que se perdeu no caminho, empobreceu e não consegue mais voltar a si. E não apenas com a alienação do

sujeito dominado que é paga a dominação, mas, como também com a *coisificação do espírito* nas próprias relações sociais *enfeitadas*.⁴

O domínio da natureza se desenvolveu no domínio também do ser humano, de forma que o *triunfo da razão* que celebraria a superação do mito e do mundo encantado tornou-se tragédia. Esta é a *rememorização* da própria dominação da natureza interna e externa. Tal dominação alcança os mais recônditos espaços da subjetividade. Escraviza o sujeito e o submete aos caprichos da razão formalizada e calculista (dominação interna) que ratifica a lógica do aparelhamento econômico capitalista (dominação externa).

Adorno vinculou-se intensamente com essas questões, sobretudo, na sua caracterização crítica da sociedade capitalista e na própria dificuldade de transformação dessa sociedade. Conforme Maar, ele buscou anotar um diagnóstico da progressiva *totalização* capitalista em todas as esferas da vida, como também do prisma de apreensão da sociedade como socialização produzida em determinadas condições (MAAR, 2004, p. 165).

O sujeito jogado nessa lógica ao mesmo tempo em que busca sua emancipação sofre as conseqüências de sua própria aniquilação. Para Adorno, *aquilo que a filosofia transcendental exaltou na subjetividade criadora é o cativo do sujeito em si, oculto para ele mesmo* (ADORNO, 1995, p. 191). Esse cativo subjetivo reproduz o cativo social (IDEM, 192). Ou seja, o sujeito aparece e some, e é engolido pela *totalização social*.

Ora, ao pensarmos a partir das caracterizações adornianas, a condição do sujeito na era da *totalização social* capitalista, ou como uma sociedade absolutamente administrada, apresenta-se aí a condição insistente de liquidação do próprio indivíduo e de qualquer forma de alteridade. No interior desse quadro, notemos, por exemplo, os textos da *Mínima Moralía: reflexões da vida danificada* (), em que Adorno retrata as condições da vida danificada do sujeito nesse mundo sistêmico (administrado).

Duarte (1997)⁵ considera que na *Mínima Moralía*, Adorno alimenta uma aversão a qualquer tipo de totalização e um desgosto crítico a lógica da

⁴ Karl Marx (1818-1883), na obra *O Capital*, ao tratar sobre o caráter *misterioso* da mercadoria, cunha o conceito de *fetichismo* nas relações de produção social no capitalismo.

⁵ Para Duarte (1997, p. 145-146), o principal escopo da *Minima Moralía* é uma reaproximação entre filosofia e a mais crua imediatidade da vida prosaica na fase tardia do capitalismo mundial, cujo o

racionalidade instrumental. O cerne dessa obra é a denúncia do embrutecimento da razão expressada nas mais simples e nas mais complexas condutas cotidianas das pessoas no mundo administrado. Tais condutas expressam a decadência das ações de homens e mulheres absorvidos na relação com todo o tipo de parafernália+ tecnificada.

A tecnificação torna, entretanto, precisos e rudes os gestos, e com isso os homens. Ela expulsa das maneiras toda hesitação, toda ponderação, toda civilidade, subordinando-as as exigências intransigentes e como que a-históricas das coisas. Desse modo, desaprende-se a fechar uma porta de maneira silenciosa, cuidadosa e, no entanto, firme. As portas dos carros e das geladeiras são feitas para serem batidas, outras tem a tendência a fechar-se por si mesmas, incentivando naqueles que entram o mau costume de não olhar para trás, de ignorar o interior da casa que os acolhe (Adorno, p.42 apud Duarte, 1997, p.149).

Adorno manifesta sua desconfiança que nas promessas do esclarecimento moderno, nas promessas em que a produção tecnológica traria civilização e progresso. O caráter de denúncia da situação presente abarca a compreensão de que a tecnificação desmancha progressivamente a linha divisória entre cultura e barbárie+(DUARTE, 1997, p. 149). Somente uma ascese bárbara contra a cultura de massa e contra o progresso dos meios seria capaz de produzir de novo a não-barbárie+(IBIDEM).

O desenvolvimento do conceito de sujeito significou, a partir do século XVII, na filosofia a consciência de si, na ciência o sujeito epistemológico de controle da natureza pelo conhecimento das leis que a regem. O reconhecimento da alteridade implicou uma necessidade do reconhecimento de si mesmo nesse período. Porém, na contemporaneidade o sujeito inscreve-se na ideologia de uma ciência econômica regida por um circuito fechado do mercado mundial, essa forma do destino os submete a massificação sistêmica.

Esta aferição é a da heteronomia produzida pelo pensamento único, pelo reino da uniformidade e da unanimidade que sacrifica a alteridade. A massa constitui-se segundo um espírito gregário+acrescido, agora, de um traço especial: trata-se de indivíduos "atomizados", indivíduos encapsulados em seu próprio isolamento. Isolados também no sentido de seu desenraizamento . não de uma

autor empreende um implacável acerto de contas com uma representativa tradição filosófica, protagonizada por Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Schopenhauer e Freud, entre outros.

tradição, mas de qualquer tradição, seres gregários e atomizados, posto que destituídos de referências comuns.

Desse modo, também a individualidade, cuja defesa como o pólo do não-idêntico torna-se necessário empreender contra sua completa absorção na impessoalidade da integração identitária, é apenas mais um dos cacos, uma das ruínas e um dos escombros desse real evanescente, cujo mosaico a dialética negativa se esforça por recompor em sua fugacidade (...) É preciso não esquecer, portanto, que dialética negativa, tal como a realiza Adorno, apreende o conceito de indivíduo como formação histórica da subjetividade burguesa (GIACÓIA JUNIOR, 2001, p.75).

Na sociedade de massa tudo passa a ser tomado segundo o valor de troca. Todo indivíduo é intercambiável ou dispensável. Massa e classes sociais dissociam-se, pois é característica da primeira não só a ausência de pensamento autônomo, ou de pensamento propriamente dito, mas, de maneira mais essencial, ausência de interesse comum.

Se pensarmos na aceleração técnico-científica, contraditoriamente, podemos nos orgulhar da capacidade criadora e reprodutora do ser humano, contudo isso está levando a uma instrumentalização do próprio sujeito, configurado através dessa razão instrumental de que qualquer forma de alteridade. Vivemos em uma sociedade cada vez mais exigente em seus construtos de relações *tecnificadas* que convocam seus membros a buscarem novas maneiras de atuar em suas relações de sobrevivência.

O que temos é uma formalização racional, reduzida e vinculada ao poder, à dominação e a exploração, conhecida pela sociedade no aspecto da reprodução de uma *nova barbárie social*. Se não estamos atentos a essas configurações sociais, passam despercebidas as relações alienantes e ideológicas que, mecanicamente automatizam o sujeito como peça de uma engrenagem social, fechado em si mesmo e como consumidor dos espetáculos barbarizados.

Parece estar em evidencia hoje a idéia de um *narcisismo coletivo*, que torna distante a realização efetiva de qualquer alteridade. O inteiramente outro é renegado, que no mundo administrado, com suas massas de homens e mulheres isolados e supérfluos, vive sem reciprocidade: nele e para ele os homens são substituíveis ou intercambiáveis. Notamos muito mais em nosso cotidiano

manifestações de eliminação desse *outro*, principalmente, através da discriminação, opressão e de exclusão social.

Dessa forma, o resgate da *alteridade* deveria estar, potencialmente, nos planos de uma educação emancipada e de resistência à barbárie social. Neste sentido, toda educação só pode ser humanista se se perguntar *para onde deve conduzir a humanidade*. Ela deve desenvolver aversão pela violência e preparar para além da tolerância, da confiança, e da amizade, mas sim para *resistência crítica*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA EDUCAÇÃO COMO RESISTÊNCIA CRÍTICA

Tendo por base algumas premissas de Adorno podemos considerar que os processos educativos não se restringem a apenas o momento da instrução, vai mais além. Adorno tematiza suas reflexões, inclusive a educacional, como sendo um pensamento auto-reflexivo. Com isso, procura indicar que a educação deve mergulhar na mais profunda busca de si, sem a segurança de categorias superficiais. A educação não pode ficar presa a modelos ideais de racionalidade.

Adorno desenvolve uma utopia negativa, a partir de uma crítica dissolvente da totalidade sistêmica do pensamento. Para ele o princípio de não-identidade impede o reducionismo *objetivista e subjetivista* e veda a dissolução do particular no universal. Para Adorno, totalização é sinônimo de totalitarismo. Somente uma razão negativa preserva o sentido viável da crítica. A razão negativa é uma dialética sem síntese, que preserva a consciência dos contrários e impede a reconciliação do sujeito a uma ordem social obcecada pela produção do mesmo, do equivalente universal.

O diagnóstico adorniano mostra que a crença do ingresso da humanidade num tipo de cultura, que levaria ao progresso e libertação dos sujeitos através do conhecimento científico, tem demonstrado o lado implacável de uma *nova barbárie*. Atualmente, mesmo com a crescente automação dos processos tecnológicos, com a informatização, com a alta velocidade de circulação das informações, com uma pseudo-ampliação democrática da cultura e do conhecimento, tem levado a humanidade a profundos processos de crises estruturais de organização social.

Zuin (1999) nos lembra que, de qualquer forma, não é muito simples resolver esses impasses teóricos e práticos diante desta *barbárie* capitalista. Pois,

todo progresso material e espiritual obtido mediante a divisão social do trabalho não caminhou numa rua de mão única, pois é a mesma humanidade cada vez mais esclarecida que sente o prazer da reincidência da barbárie (1999, p.43).

O que a humanidade tem experimentado nessa *reincidência bárbara* é o fato do sujeito se *asujeitar* a si próprio, isto é, a humanidade tem se afundado em um novo tipo de barbárie porque ela se *sujeita* a si própria, ela se auto-sujeita objetivamente pelas determinações sociais geradas no seu próprio processo de **reprodução social** (MAAR, 2004, p.169, grifo meu). A própria humanidade está na condição de *auto-culpabilidade*, conforme as imposições objetivas impostas como determinação da ordem social vigente.

No dizer de Maar,

As pessoas *aceitam* essas determinações objetivas porque a aceitação *é* o passaporte de que precisam para sobreviver na sociedade vigente. As pessoas, portanto, reproduzem a barbárie à medida que produzem sua própria sobrevivência. Atingimos o ponto de partida efetivo da análise de Adorno: o próprio processo de reprodução matéria da vida das pessoas em sociedade, em que elas (re)produzem a barbárie que as aprisiona, em que produzem o produto a que se sujeitam (Maar, 2003, p. 456).

Essa questão está colocada nos termos de analisarmos com todas as letras a produção material e histórica desta *nova barbárie* como uma categoria dinâmica. Tal perspectiva constitui-se na possibilidade de atualizar a análise de Adorno em suas categorias potencialmente pedagógicas. De acordo com Zuin, a crítica de Adorno evidencia que enquanto não se modificarem as *condições objetivas* haverá sempre uma lacuna entre as pretensões educacionais formativas e as realizações propriamente objetivas (Zuin, 1999, p. 117).

Nesse sentido, o problema educacional adorniano está intimamente ligado ao problema da formação crítica do sujeito. Por isso, pautar uma reflexão apoiada nas elaborações de Adorno nos remete a necessidade de um diagnóstico crítico da sociedade e da educação. Para Adorno, a educação implica emancipação, que não se reduz ao mero *ajuste das pessoas* ao instituído.

Nesse sentido, com Adorno, a *adaptação* . promovida pela instituição escolar . não deve conduzir à perda da individualidade de um conformismo uniformizador, ou seja, perder-se do seu objetivo de emancipação. E sim, buscar na *crítica imanente*, um processo educativo que rompa com uma formação cultural exclusivamente idealista e reificada.

Conforme explica Maar ,

Pela perspectiva da educação na sociedade existente, ela se defronta com determinações objetivas que constituem o próprio contexto social, no qual educar significa adaptar-se, pois é reproduzir o existente como imposição objetiva. Mas tendo em vista a perspectiva de produção do próprio contexto social, da própria organização social . que é sua própria ideologia e, portanto, uma forma social conservadora . a educação implicaria um prisma pelo qual o que parecem ser as determinações objetivas seriam decifradas como resultados sociais, isto é, em seu momento subjetivo, de produtos dos próprios homens cuja educação está em cauas (Maar, 2004, 173-174).

Nesses termos, é preciso resgatar uma reflexão que desvele os termos das determinações sociais objetivas e subjetivas da qual os sujeitos sociais estão submetidos. O pensamento crítico de Adorno parte de uma brecha entre a imposição objetiva e as determinações subjetivas para legitimar a possibilidade formativa (*Bildung*). Esse *prisma* proposto é mister e atual na defesa de uma educação contra a barbárie . *para que Auschwitz não se repita*. É urgente também enfrentar e buscar superar os problemas que estão na origem dos crimes cometidos contra a vida.

Enfim, a escola, o professor, a professora que busca considerar a constituição de sujeitos emancipados, pode quebrar os esquemas autoritários e centralizadores da educação, de ensino e da formação, sob forma de repasse das ~~verdades~~ verdades imutáveis, para abrir espaços constitutivos da reflexão crítica.

ALEX SANDER DA SILVA

Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (1996) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande de Sul (2010). Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Fundamentos da Educação, Epistemologia, Filosofia da Educação e Teorias da Educação. Foi organizador do livro *Tessituras pedagógicas da produção discente* do ano de 2009. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*/trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Dialéctica negativa*. Trad. de José Maria Ripalda, revisada por José Aguirre. Madrid: Taurus ediciones, 1975.

_____. *Minima Moralia*.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialéctica do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

DUARTE, Rodrigo. *Notas sobre modernidade e sujeito na Dialéctica do Esclarecimento*. IN: *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997 (p.45-63).

_____. *Apuros do particular: uma leitura de Mínima Moralia*. IN: *Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997 (p.145-159).

GIACÓIA JR., Osvaldo. *A ética na era da globalização à luz do pensamento de Adorno*. In: LASTORIA, Luiz A. C. N.; COSTA, Berlamino C. G.; PUCCI, Bruno. *Teoria crítica, ética e educação*. Piracicaba/Campinas: Ed. UNIMEP/Ed. Autores Associados, 2001.

MAAR, Wolfgang Leo. *À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*. In: ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*/trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Educação, sujeição e crítica na perspectiva de Adorno*. In: DALBOSCO, C. et al. *Sobre filosofia e educação: subjetividade-intersubjetividade na fundamentação da práxis pedagógica*. Passo Fundo: UPF, 2004.

_____. *Adorno, semiformação e educação*. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, v.83, n.24, 2003. p.459 -476.

ZUIN, Antônio Álvaro S. *Indústria cultural e educação: o novo canto da sereia*. São Paulo: FAPESP e Autores Associados, 1999.